

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Educação Inclusiva e Deficiência Intelectual

JAKELINE SUSY JUSTINO LEITE

**A INFLUÊNCIA DA PEDAGOGIA WALDORF E DA PEDAGOGIA CURATIVA NO
PROCESSO DE INCLUSÃO**

SÃO PAULO

2018

JAKELINE SUSY JUSTINO LEITE

A INFLUÊNCIA DA PEDAGOGIA WALDORF E DA PEDAGOGIA CURATIVA
NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialização *Latu Sensu* em nome do curso de Educação Inclusiva e Deficiência Intelectual, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Gomes-Machado.

SÃO PAULO

2018

“A educação terapêutica não é somente uma ciência, não é somente uma arte prática, mas também é uma atitude humana. Como tal, ela pode ser compreendida como um medicamento curativo, a ser usado contra todo tipo de ameaça opressora à pessoa humana. Portanto este é o destino de cada ser humano de hoje. Ir ao encontro do outro, ajudá-lo e ser ajudado, este é o sentido e o valor das ações educacionais-terapêuticas.” – Karl König (2012)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Este que me fortalece diariamente para alcançar meus ideais.

Agradeço à minha sogra, meu sogro e minha família – mãe, pai e irmão –, estes que sempre me orientaram e me encorajaram para que eu pudesse concretizar este ciclo da minha vida.

Agradeço em particular ao meu noivo, Bruno de Souza Lima, que diariamente me auxiliou constantemente na realização deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Maria Luiza Gomes-Machado, que sempre, quando recorria a ela, mostrava-se disposta a me auxiliar e esclarecer algumas dúvidas com assiduidade.

Agradeço a Coordenadora Maria Regina e a todos os profissionais da Associação Beneficente Parsifal, que disponibilizaram o espaço para efetivar este Estudo de Caso, assim como I.P. e sua mãe Célia por participarem e fornecerem informações aprofundadas sobre o desenvolvimento do aluno.

Agradeço as minhas colegas e amigas pelas trocas de experiências e que de alguma forma me ajudaram a superar alguns obstáculos durante o Curso e na elaboração desta Monografia.

RESUMO

LEITE, Jakeline Susy Justino. A Influência da Pedagogia Waldorf e da Pedagogia Curativa no Processo de Inclusão. 2018. 61 páginas. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva e Deficiência Intelectual, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2018.

O trabalho tem por finalidade apresentar a Pedagogia Waldorf e a Pedagogia Curativa como forma de inclusão, baseado na valorização de um olhar meditativo/antroposófico para as pessoas com deficiências. As Revisões de Literatura foram fundamentadas em autores que defendem a Pedagogia Waldorf e a Curativa como uma prática de respeito ao desenvolvimento do ser humano, mediante estudo dos setênios e temperamentos, conforme a Antroposofia. O estudo em questão – Relato de Caso – foi vivenciado por um aluno com Síndrome de Down, que perpassou por diversas metodologias de ensino e não apresentou consideráveis avanços em seu comportamento pessoal e social. Com sua inserção na Associação Beneficente Parsifal, cuja vertente é Waldorf e Curativa, foram constatadas evoluções consideráveis e instantâneas para o educando. Além do resultado comportamental supracitado, é importante ressaltar: o papel do mediador/educador que ultrapassa a ação educativa e invade o âmbito pessoal, uma vez que é necessário partir do próprio professor o respeito à individualidade do educando e encorajar-se - a si mesmo - de suas capacidades para, posteriormente, transmitir, a mesma confiança e estímulo, ao aluno; bem como, que para o pleno desenvolvimento do aluno estudado, seu alicerce baseou-se na interação família/escola.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf. Pedagogia Curativa. Antroposofia. Síndrome de Down. Escola-Família. Afeto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	9
3 METODOLOGIA	10
3.1 Associação Beneficente Parsifal	11
4 REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 Biografia de Rudolf Steiner	14
4.2 Pedagogia Waldorf	15
4.2.1 Princípios do Primeiro Setênio (Educação Infantil) – O Mundo é Bom	17
4.2.2 Princípios do Segundo Setênio (Ensino Fundamental) – O Mundo é Belo	18
4.2.3 Princípios do Terceiro Setênio (Ensino Médio) – O Mundo é Verdadeiro	19
4.3 Pedagogia Curativa	21
4.4 Antroposofia	23
4.4.1 Conceito	23
4.4.2 A Teoria dos Temperamentos de Rudolf Steiner	24
4.4.2.1 Sanguíneo	24
4.4.2.2 Melancólico	25
4.4.2.3 Colérico	26
4.4.2.4 Fleumático	27
4.5 Síndrome de Down	28
4.5.1 Histórico	28
4.5.2 Característica e Definição	29
4.5.3 A importância da Família e afeto no processo de inclusão da Pessoa com Deficiência	31
5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	
ANEXOS	42
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Mãe	43
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Coordenadora ...	44
ANEXO 3 – Entrevista com a mãe do aluno I.P.	45
ANEXO 4 – Entrevista realizada com o aluno I.P.	46

ANEXO 5 – Entrevista realizada com a Coordenadora Geral da Associação Beneficente Parsifal	47
ANEXO 6 – Entrevista realizada com a Psicopedagoga da escola e professora do aluno I.P. durante seu ciclo escolar na Associação Beneficente Parsifal	48
ANEXO 7 – Parte de um relatório a respeito do comportamento de I.P., de uma outra instituição de ensino	49
ANEXO 8 – Sala da padaria na Associação Beneficente Parsifal	50
ANEXO 9 – Sala de marcenaria na Associação Beneficente Parsifal	51
ANEXO 10 – Sala de tecelagem na Associação Beneficente Parsifal	52
ANEXO 11 – Sala de construção de instrumentos musicais na Associação Beneficente Parsifal	53
ANEXO 12 – Sala de modelagem na Associação Beneficente Parsifal	54
ANEXO 13 – Sala de descanso na Associação Beneficente Parsifal	55
ANEXO 14 – Sala de feltragem na Associação Beneficente Parsifal	56
ANEXO 15 – Relatório individual do aluno I.P. na Associação Beneficente Parsifal	57
ANEXO 16 – Trabalhos manuais realizados na Associação Beneficente Parsifal	58

1 INTRODUÇÃO

A formação na área da pedagogia, em primeiro plano, prepara o professor para ser nomeado um profissional da área da educação, com toda gama de dedicação para aprimorar e desenvolver esse ofício. Porém, em alguns casos, apenas traz para o mercado de trabalho um profissional que busca se inserir nas instituições de ensino sem nenhuma preocupação em contribuir para o futuro do aluno. Entretanto, dentro da sala de aula, os desafios enfrentados diariamente não abordam receitas prontas e fáceis, uma vez que faculdades ou cursos não oferecem uma medida única para se trabalhar no ambiente escolar, e obter um resultado significativo quando os problemas são estabelecidos.

Dentre esses desafios diários, cabe ao educador buscar metodologias que, substancialmente acrescentem valor e aprendizado ao currículo particular do aluno, fazendo com que ele tenha uma boa base educacional e obtenha uma formação que o leve para além do muro escolar.

O trabalho tem por objetivo conectar as práticas pedagógicas Waldorf focando na Pedagogia Curativa, afim de contemplar os educadores que buscam maneiras diferenciadas de desenvolver sua atividade docente no ambiente escolar.

O número de alunos nas escolas brasileiras vem crescendo ano após ano e nesse percentual de novos estudantes, os que possuem algum tipo de necessidade especial “aumentou, segundo o MEC, de 85,5% em 2013 para 90,9%, em 2017” (O GLOBO, 2018).

Com o aumento de estudantes com deficiências ou algum tipo de limitação, novas metodologias se fazem necessárias, tanto na formação dos professores como nas salas de aula. Portanto, dentro da premissa de questionamento, o presente projeto abordará de forma clara e objetiva o diferencial da Pedagogia Curativa e da Pedagogia Waldorf de modo a complementar os profissionais interessados em incluir o aluno de acordo com sua especificidade.

Analisando-se a experiência de uma profissional que vivenciou ambiente escolar com crianças que apresentavam necessidades educativas especiais, é possível se chegar à conclusão de que incluir não é algo tão simples: não é somente inserir e deixar a criança fazer parte daquele contexto aparentemente “normal”,

obrigando-a a acompanhar os passos no mesmo ritmo de aprendizagem dos demais alunos.

Interessei-me em buscar novos métodos, uma vez que o objetivo é fazer com que os protagonistas deste processo de inclusão fiquem de fato realizados com suas conquistas. Para tanto, deve-se valorizar a parceria entre a escola/família tendo como ideia central caminhar no sentido de evidenciar a singularidade e capacidades dos sujeitos atendidos nesse processo de inclusão.

Mediante a Pedagogia Waldorf e a Curativa, pode-se observar que este modelo de ensino se utiliza de uma gama enorme de complementos educacionais que possibilitam ao aluno um maior e melhor aproveitamento do seu potencial dentro do contexto aplicado. Assim, faz-se necessário ir além do que está presente nos currículos e rituais tradicionais.

Desta forma, o conteúdo que está sendo ensinado pelo professor, torna possível que este profissional venha a se preocupar em fazer constantemente uma relação entre o objeto do conhecimento e a realidade do aluno, para que este veja sentido real no aprendizado.

Por meio da vivência dentro de uma escola que utiliza a Pedagogia Curativa e Pedagogia Waldorf, obtive-se informações de como e por meio de qual maneira é tratada a Pedagogia Curativa dentro do Currículo Waldorf para formação do aluno inserido.

Diante disso, o estudo em questão tem por finalidade apresentar a Pedagogia Curativa e a Pedagogia Waldorf como forma de socializar o ensino no processo de inclusão. Para um melhor entendimento será apresentado um relato de caso de um aluno que faz parte desta estrutura de ensino.

2 OBJETIVOS

- Apresentar a Pedagogia Waldorf e a Pedagogia Curativa;
- Mostrar a importância do afeto e da relação família/escola no processo de ensino e aprendizagem do aluno;
- Evidenciar o papel do professor como um mentor na valorização do educando com deficiências.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de uma abordagem qualitativa, tendo como foco a análise de um caso específico - Estudo de Caso. Os dados serão obtidos por meio da literatura que aborde o contexto histórico e seu fundamento no mundo educacional.

Utilizar-se-á de questionários e entrevistas visando o levantamento de informações com relação a prática educacional da Associação Beneficente Parsifal na qual está inserido o aluno observado para este Relato de Caso. Este Estudo (Relato de Caso) foi realizado com o consentimento livre e esclarecido da mãe (ANEXO 1) de I.P. (jovem que será foco deste Estudo de Caso, será sempre referido pelas iniciais de seu nome I.P.) e com a autorização da Coordenadora Geral da Associação Beneficente Parsifal (ANEXO 2).

As entrevistas foram realizadas com a mãe de I.P. (ANEXO 3), o próprio aluno (ANEXO 4), a Coordenadora geral da ABP (ANEXO 5) e com a Psicopedagoga que foi professora do estudante durante um período (ANEXO 6). As perguntas seguiram um parâmetro único, porém para o aluno foram adaptadas, possibilitando sua compreensão. O questionário foi direcionado para os profissionais e responsável que contribuíram e que continuam ajudando no crescimento pessoal e profissional de I.P. As respostas serão analisadas no capítulo sobre Discussões e Considerações Finais, inclusive comparando o desenvolvimento de I.P. antes e depois de ingressar na Pedagogia Waldorf.

A Associação Beneficente Parsifal concedeu livre acesso à pesquisadora para analisar e estudar o desenvolvimento apresentado pelo jovem I.P., de 22 anos, com Síndrome de Down, que estudou, anteriormente, até os 8 anos de idade em uma escola na qual seguiam a filosofia Waldorf, em seguida estudou em duas escolas particulares e, por volta dos 11 anos de idade ingressou na Associação Beneficente Parsifal. O jovem que será foco deste Estudo de Caso será sempre referido pelas iniciais de seu nome - I.P.

– Critérios de Inclusão para este Relato de Caso:

- Dificuldade na Aprendizagem;
- Ter sido incluído no processo educacional;
- Idade aleatória;

- Ter comprometimento intelectual, mas não físico;
- Ter consentimento livre, esclarecido e assinado pelos pais e Coordenadora da Associação Beneficente Parsifal.

Os profissionais que colaboraram com este trabalho respondendo às questões elaboradas pela pesquisadora (entrevista estruturada com quatro perguntas abertas) acompanham I.P. pelo menos há 11 anos. As perguntas seguiram um parâmetro único, porém para o aluno foi readaptada possibilitando uma fácil interpretação. O questionário foi direcionado para os profissionais e responsável que contribuíram e que continuam ajudando no crescimento pessoal e profissional de I.P. As respostas serão analisadas no capítulo sobre Discussões e Considerações Finais, inclusive comparando o desenvolvimento de I.P. antes e depois de ingressar na Pedagogia Waldorf.

A genitora de I.P. após ter estado em meio a algumas escolas que apresentavam uma ideia de inclusão e na prática era outra, ou seja, a inclusão de fato não acontecia e os comportamentos de I.P. estavam regredindo como nos mostra parte de um relatório disponibilizado pela mãe em uma escola particular que o aluno frequentou (ANEXO 7) resolveu buscar outras estratégias que contribuíssem no ensino e aprendizagem de I.P. Assim, o pesquisado ingressou na Associação Beneficente Parsifal no 3º ano do Fundamental I com 11 anos. No início era somente um teste, porém o aluno sentiu-se parte daquele ambiente e isso ficou claro nas suas atitudes pessoais/coletivas e familiares, o que fez com que permanecesse até hoje na Associação Beneficente Parsifal. Duas vezes por semana I.P. participa das Oficinas Terapêuticas e ainda realiza aulas de teatro e dança, sempre com o apoio da família e da escola em ambientes fora da Associação Beneficente Parsifal, condicionando-o para desafios futuros.

O trabalho apresentará as propostas de ensino que essa Instituição aplica dentro do currículo Waldorf, ressaltando as questões pessoais e limites de I.P.

3.1 Associação Beneficente Parsifal

Essa Associação fica localizada na Região Urbana na Zona Sul de São Paulo, sendo uma instituição sem fins lucrativos que buscam parceiros que contribuam e

acreditem na proposta dos envolvidos. A manutenção dos educandos se dá por meio de alunos bolsistas, pagantes e apadrinhados, ou seja, pessoa de forma física ou jurídica que se responsabiliza pelas despesas e a permanência do aluno escolhido, no período integral ou parcial. Além disso, a Associação proporciona comemorações, tendo ajuda voluntária das famílias e de toda a equipe, com o objetivo de arrecadar verbas, que auxiliem na manutenção e preservação da Associação Beneficente Parsifal.

Cada ambiente apresenta uma responsável: Coordenadora de Jardim, Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental, Coordenadora de Oficinas Terapêuticas, além dos professores, psicopedagogos, profissionais da área da saúde, auxiliares para cada sala, juntamente com a coordenação geral e parceria com a família. Os profissionais que atuam com esses alunos possuem Pedagogia Curativa e Terapia Social em seus currículos.

O currículo da escola segue a Pedagogia Waldorf. É trabalhado com conteúdo de cada série, porém respeitando e promovendo adaptação curricular para uma melhor compreensão do aluno considerando o seu grau de dificuldade. Além das aulas com o professor de sala, os alunos desenvolvem as seguintes atividades: trabalhos manuais, corporais, música, dança, musicoterapia, terapia ocupacional e reforço com a psicopedagoga no processo de alfabetização.

OBSERVAÇÃO: Deve-se aqui realçar que I.P. já passou pelas fases do segundo setênio incluído no Currículo Waldorf (apresentado na revisão de Literatura), e atualmente frequenta as Oficinas Terapêuticas abaixo discutidas.

Os jovens e adultos presentes na Associação Beneficente Parsifal que atingiram uma certa maturidade, executam atividades oferecidas em ambientes como: Padaria (ANEXO 8), Marcenaria (ANEXO 9), tecelagem (ANEXO 10), ajudam na confecção de instrumentos musicais (ANEXO 11), modelagem (ANEXO 12), sala de descanso (ANEXO 13) e feltragem (ANEXO 14), todas essas atividades estimulam o ser humano no seu convívio pessoa/social, além de valorizar as atitudes e pequenos avanços, onde o próprio aluno consegue se sentir capaz e principalmente feliz no ambiente inserido.

As Terapias de Apoio aplicam de forma individual ou grupal movimentos como musicoterapia, massagem, trabalhos manuais, práticas que ajudam no desenvolvimento do aluno, respeitando sua individualidade.

Além disso a escola dispõe de um Centro de Convivência para os alunos que ficam em período integral. As atividades proporcionam momentos de encontros; após o almoço os alunos cuidam da higiene, antes, porém, alguns alunos são escolhidos para ajudar na organização da sala do descanso, em seguida os adultos são direcionados para esse ambiente que proporciona momento tranquilo e acolhedor. Além disso, durante o período da tarde, no Centro de Convivência são oferecidas atividades extras como: jardinagem, aquarela, jogos e brincadeiras dirigidas.

A Associação, conforme citado no texto, trabalha com a Pedagogia Waldorf a qual foi fundada pelo Filósofo Rudolf Steiner.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Biografia de Rudolf Steiner

Rudolf Steiner nasceu na cidade de Donji Kraljevec, na Áustria. Estudou Ciências exatas com a interferência do pai (SETZER, 2009; SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL, 2018).

Na segunda metade do século XIX e início do século XX o mundo passava por uma transformação de inovações tecnológicas, durante esse período Rudolf Steiner passou a editar as obras do pensador e escritor Johann Wolfgang Goethe, ambos tinham ideais parecidos e a participação desses filósofos no mundo da Ciência era de fato realista, eles se entregavam por inteiro e acreditavam que a natureza é uma matéria viva e não somente um elemento que passa por processos de modificações (MUTARELLI, 2014).

Rudolf Steiner em sua trajetória foi professor particular de quatro crianças de uma família em Viena, dedicava-se especificamente a uma criança que tinha hidrocefalia e apresentava um grau de dificuldade na leitura. Com o estímulo e a confiança de seu professor, o menino conseguiu concluir sua vida acadêmica, formando-se em Medicina (MUTARELLI, 2014).

Em sua vida trabalhou em Berlim como escritor e foi professor na Escola de Formação para Trabalhadores. A partir de 1900 foi convidado pela Sociedade Teosófica e passou a ser discursista e escritor de suas particulares averiguações. Durante esse período foi encarregado na responsabilidade de atuar na Secretaria Geral da Sociedade Teosófica Alemã. No decorrer dos anos rompeu com a Sociedade Teosófica dando palestra voltada a Antroposofia por toda a Europa, com a assistência de Marie Von Sievers (SETZER, 2009).

Em 1913 Rudolf Steiner criou a Sociedade Antroposófica em Dornach, homenageando Goethe, chamando a sede de *Goetheanum*, uma verdadeira estrutura de arte que foi totalmente queimada, porém reconstruída através de uma estrutura pensada e valorizada na criatividade sem ângulos retos. Durante o período de conflitos na Europa, Steiner mudou-se para a Suíça e logo após a guerra passou a apresentar palestras voltadas a arte, medicina, farmácia, pedagogia, arte social,

terapias, pelos países arruinados. Rudolf Steiner criou sua primeira escola com a intenção de formar e acreditar que a educação é base para formar um indivíduo livre em busca de um mundo melhor, mais humano.

Em 1919, Rudolf Steiner foi convidado a apresentar uma palestra voltada a assunto de empresa aos trabalhadores em uma fábrica de cigarros chamada Waldorf-Astória cujo diretor era Emil Molt. Porém, essa solicitação foi prorrogada com a ideia de que além dessas palestras fossem distribuídos conhecimento através de língua estrangeira, pinturas, história, costura para as mulheres, pois Molt acreditava na ideologia de Pedagogia de Rudolf Steiner (BETLE & VIERL, 2006).

Com o apoio de Emil e o interesse dos funcionários que buscavam uma educação que se preocupassem com o desenvolvimento de seus filhos, criou-se a primeira escola Waldorf em Stuttgart na Alemanha. Os professores escolhidos, deveriam ter os mesmos ideais que os do próprio Steiner, afim de respeitar as fases de desenvolvimento físico e anímico do indivíduo (FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL, 1998; LANZ, 2016; MARASCA, 2009).

Outro fator importante nas palestras realizadas por Steiner é o destaque da Pedagogia Curativa, baseada na filosofia antroposófica. (SETZER, 2009; LANZ, 2016).

Rudolf Steiner faleceu em 1925 na cidade de Dornach, deixando um reconhecimento mundial sobre a sua Pedagogia Waldorf.

4.2 Pedagogia Waldorf

A Pedagogia Waldorf foi introduzida por Rudolf Steiner tendo como base a Antroposofia, cujo ideal é formar um cidadão em seu desenvolvimento total, não somente ao intelecto, mas de uma maneira íntegra e humana em todo seu ser completo, conforme cita Marasca (2009, p. 33):

A Pedagogia Waldorf, resultado de um trabalho de conhecimento e de vivências de Rudolf Steiner e seus colaboradores, é pautada pela visão integral, holística do ser humano, cujo conhecimento e aperfeiçoamento são guiados pelos pilares básicos que constituem a ciência espiritual denominada por Steiner “Antroposofia”.

A Pedagogia Waldorf prepara o jovem de hoje para um adulto maduro no seu futuro, formando um ser humano que esteja pronto e entregue de forma viva e inteira, a fim de que se torne indivíduo participante perante a sociedade conforme afirma Marasca (2009, p. 34): “a pedagogia Waldorf pretende, de forma ampliada, integrar o homem ao seu hábitat de modo vivo e orgânico, formando indivíduos práticos, ativos e conscientes.”

É uma pedagogia que valoriza a personalidade de forma particular, considerando o aluno, estabelecendo conexão com situações reais. Vale considerar também que a Pedagogia Waldorf ratifica a formação tão importante quanto a informação. Essas duas práticas são indissociáveis, devem ser aplicadas com o mesmo objetivo. As informações fazem parte do nosso meio e isso também precisa ser considerado, pois os jovens atualmente precisam ser instruídos através de conteúdo, entretanto, eles carecem de uma metodologia que façam sentido com a sua realidade, como cita Lanz (2016, p. 95): “Essa ligação com o mundo, considerado como hábitat vivo orgânico da humanidade, é uma das metas principais da Pedagogia Waldorf. Ela quer formar indivíduos práticos e conscientes. Por isso toda alienação lhe é estranha.”

O currículo Waldorf relaciona-se com a ação/movimento do corpo. As produções individuais ou grupais estimulam o mundo artístico e artesanais do indivíduo, valorizando e qualificando as suas potencialidades, com o intuito de que a teoria seja vivenciada na prática de modo que o aprendizado se torne algo prazeroso e significativo, a fim de estimular o querer, o pensar e o agir, conforme relata a Federação das Escolas Waldorf no Brasil (1998, p. 1):

Para atingir a formação do ser humano, a pedagogia atua incentivando o querer (agir) por meio da atividade corpórea das crianças em quase todas as aulas. O sentir é estimulado na constante abordagem artística e nas atividades artesanais e artísticas específicas para cada idade. O pensar é cultivado paulatinamente, desde a imaginação incentivada por meio de contos, lendas e mitos.

O currículo é fundamentado na preservação da imaginação, de forma onde o aluno sintá-se desprendido de qualquer situação de conflito, porém que se torne independente e tenha liberdade de expressão.

A seguir evidencia-se os Princípios da Pedagogia Waldorf: O mundo é Bom; O mundo é Belo; O mundo é verdadeiro.

4.2.1 Princípios do Primeiro Setênio (Educação Infantil) – O Mundo é Bom

Nesta fase, o desenvolvimento da criança está em formação e seu corpo recebe e sente as influências do ambiente/mundo. A sua relação com o universo ocorre naturalmente, e de maneira transparente e ingênua. A criança condiciona e transmite uma admiração para com o mundo, vislumbra o que tem de bom nesse setênio como em nenhuma outra fase de sua existência (GIMAEI & AGUIAR, 2013).

A medida que a criança cresce, os papéis presentes em sua vida serão o modelo para o início de identificação, pois é onde se inicia o processo de imitação. Portanto, os indivíduos que mantêm contato com crianças deverão ser apresentáveis principalmente em seus temperamentos, para que não tenham falhas sobre os educandos, pois as crianças imprimem a imagem auditiva e visual de sua referência (LANZ, 2016).

A criança neste setênio é dominada pela vontade, desejo de conhecer todos os espaços, correr, pular..., os primeiros desenhos são artisticamente de forma particular, ou seja, de dentro para fora, e essa vontade é transferida para o papel através de suas mãos.

O ritmo é uma tarefa primordial nessa fase da criança, é uma maneira de ajudá-la em sua própria organização, como também do educador ou responsável, assim citado por Gimael & Aguiar (2013, p. 47): “o ritmo deixa a criança segura por esta harmonia com o ambiente e garante uma continuidade, além de facilitar o trabalho do educador.”

O papel do educador é preservar essa primeira infância. Cuidar dos interesses pessoais considerados mais importantes nesse ciclo da vida da criança do que a transmissão de um conhecimento sem fundamento, como afirma Lanz (2016, p. 44): “o adulto que só dá valor as atividades conscientes e intelectuais tende a desprezar a infância, considerando-a como uma fase preparatória, de brincadeira e de vida responsável”. A criança precisa de um ambiente harmonioso, cujas práticas são responsáveis para o desenvolvimento dessa fase, ela necessita de proteção, calor humano.

A proposta é realizada através de brincadeiras a fim de valorizar a ideia de que uma boa educação permite a criança a estimular os seus sentidos e de que “o brincar

sadio é livre e motivado pelo desejo de conhecer experimentar, e é através dele que acontece no tempo o desenvolvimento físico, motor, socialização e o desenvolvimento psíquico” (GIMAEEL & AGUIAR, 2013, p. 21).

O jardim da Infância detém de um currículo que estimula o desenvolvimento da criança por meio de brincadeiras, cantos, culinária, pintura, apresentação de teatro, trabalhos manuais, atividades que possibilitam esses avanços pessoais sempre com o intuito de preservar a essência de que o mundo é bom (LANZ, 2006).

Os brinquedos disponibilizados são feitos de maneira natural, como por exemplo: de pano ou madeira. A modelagem é um estimulador da coordenação motora pelo fato de requerer uma habilidade física para o seu uso, pois o material é natural, sendo feito de cera de abelha (LANZ, 2016).

Vale ressaltar também que os contos são de fato preservados, divididos por época que dão ritmo as festas do ano como por exemplo: Páscoa, São João, Micael. Contar histórias é tão mágico e poderoso quanto outros aspectos considerados indispensáveis no seu desenvolvimento cognitivo, como afirma Marasca (2009, p. 84): “Os contos não são meros passatempos, são tratados como elementos vitais para a alma infantil. Segundo essa Pedagogia, são forças criadas pela fantasia, irradiando-se para muitas atividades”.

“Finda esta etapa, é bom florisse em lindas formas e pudesse agora ser admirado” (GIMAEEL & AGUIAR, 2013, p. 98), agora manifesta-se o segundo setênio relatado com o princípio de que o mundo é belo.

4.2.2 Princípios do Segundo Setênio (Ensino Fundamental) – O Mundo é Belo

Conforme o amadurecimento, o aluno recebe na Escola Waldorf os conteúdos divididos em épocas, onde uma disciplina, segundo Marasca: “é ministrada por várias semanas no primeiro horário (o restante do dia poderá ser ocupado por outras matérias como Artes, Educação Física, Línguas, etc.)” (MARASCA, 2009, p. 81). Dessa forma, existe contribuição no envolvimento particular do educando com a disciplina da época, melhorando o interesse cognitivo do aluno, pois não haverá um acúmulo de informações dadas no mesmo período, conforme cita Marasca “os alunos se concentram apenas num mesmo assunto, sem desviar sua atenção, pois

identificou-se que dessa maneira o interesse é bem maior, bem como, e principalmente, o aproveitamento” (MARASCA, 2009, p. 82).

Vale salientar também que o professor acompanha a turma durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, este aplicará as disciplinas não específicas como: Linguagem, aritmética, história, essa metodologia ajudará no conhecimento íntegro de cada aluno, estabelecendo uma conectividade significativa com seus alunos durante esse período de permanência no Fundamental 2 (MARASCA, 2009).

Além do amadurecimento físico a criança nesse setênio passa por um período de transformação, um amadurecimento e um turbilhão de desejos próprios apresentados na puberdade. Nesse setênio, a personalidade da criança é preservada por meio de sentimentos. Os conteúdos serão absorvidos de fato se o -Eu- estiver bem emocionalmente. Logo, cabe ao educador atrair essa criança que passa por uma “gangorra” de personalidades, tendo por função atraindo-lo de forma lúdica, despertando o interesse por meio de imagens "apelar a fantasia criadora, ao manancial de forças sentimentais, sem exageros, trazendo de forma viva os conteúdos necessários e pertinentes a essa época” (MARASCA, 2009, p. 49).

A arte e a música são elementos rítmicos que fazem parte da rotina nessa fase da criança, e “toda essa educação que ignora esses anseios inconscientes da alma humana, ou seja, no caso o cultivo da musicalidade desperdiça e causa a atrofia de forças preciosas que estão presentes no jovem à espera de serem chamadas e aproveitadas” (LANZ, 2016, p. 49). Logo, no currículo Waldorf, a euritmia é “arte do movimento elaborada por Rudolf Steiner, é um importante elemento pedagógico e terapêutico do sistema educativo aqui apresentado” (HEYDEBRAND, 2006, p. 34).

4.2.3 Princípios do Terceiro Setênio (Ensino Médio) – O Mundo é Verdadeiro

“O terceiro setênio é o período o qual o “eu” se liberta de seus vínculos com o corpo astral e com o resto do organismo, tornando-se autônomo” (LANZ, 2016, p. 57).

Surge nesse setênio um novo “EU” que atinge uma maturidade pessoal, ele ganha independência e pensamento crítico, passando por uma fase de questionamento em busca de uma verdade absoluta. O que nos outros setênios é verídico e inquestionável, agora passa a ser objeto de discussão, uma vez que a

moralidade, a ética e a realidade tendem a ser parâmetros de personalidade para aqueles que a rodeiam, como o mundo real, interpessoal, assim afirma Marasca (2009, p. 52):

O nascimento do EU provoca a autoconsciência e, com ela, a sensação de ser um indivíduo; mas, ao mesmo tempo, o mundo que até agora era vivenciado como menos integrado a esse EU sofre uma separação, em que “eu sou, e o mundo é o mundo”; em realidade, trata-se da vivência de um não-eu. Essa vivência sempre será acompanhada de lutas e crises internas entre o “dentro” e o “fora”, o *eu mesmo* e o mundo, que é também o meio social.

Diante desse contexto, faz-se necessário uma vivência prática além do que é estudado nas salas de aula. A percepção de mundo real e o contato com as diferentes pessoas, passam a se tornar realidade absoluta, deixando de ser apenas teoria. Por isso, é considerável “ensinar aos jovens não apenas tecnologia e ciências, mas também a realidade social e os problemas da humanidade, não apenas na teoria, mas mediante uma participação ativa na prática em atividades sociais” (MARASCA, 2009, p. 52).

Nesse setênio conforme são geradas essas manifestações de julgamento do ser, cabe ao educador delinear caminhos para que o aluno veja o professor como um parceiro de suas ideias, alguém que esteja disponível para auxiliá-lo em seus anseios comportamentais e emocionais. Essa prática é criada naturalmente, sem imposição de liderança, pois um renomado profissional deverá ter noção da proporção da liberdade e do limite criada nesse vínculo entre professor/aluno, como cita Lanz (2016, p. 63):

O bom educador saberá dosar, conforme a idade e a personalidade do aluno, quanta liberdade lhe poderá conceder. E, sobretudo, fará sentir ao jovem que a liberdade não é apenas um direito, mas implica em muitas responsabilidades; que existe a “liberdade de...”, mas também a “liberdade para...”

As disciplinas no terceiro setênio são aplicadas conforme o currículo, mas transpostas pelo panorama Waldorf como forma interdisciplinar. As avaliações são registradas através de provas, boletins descritivos/quantitativos considerando, o empenho do aluno em relação ao seu interesse diante das atividades oferecidas, diante disso Marasca (2009, p. 83) relaciona que: “o esforço é sempre estimulado e

sua falta criticada, no sentido de mostrar a potencialidade que deixou de ser explorada. Jamais a crítica é fria, destrutiva ou arrasadora.”

Sendo assim, a Pedagogia Waldorf pretende motivar o ser humano dentro de sua capacidade, essa aplicação também é considerada apropriada para pessoas com necessidades educativas especiais. Logo, dentro da Antroposofia situa-se a Pedagogia Waldorf e a Pedagogia Curativa, ou como denominação no Brasil- Educação Terapêutica destacada a seguir (MARASCA, 2009).

4.3 Pedagogia Curativa

“A Pedagogia Curativa ou Educação Terapêutica foi iniciada por Rudolf Steiner na década de 1980 e formalizado num curso para pedagogos e médicos em 1924” (MARASCA, 2009, p. 34).

Dessa forma, essa pedagogia é um ensino que busca respeitar as pessoas com necessidades educativas especiais, a fim de incluí-los no contexto social e educacional conforme suas particularidades, porém como cita (SETZER, 2010), “não se trata de “encaixar” a pessoa dentro dos esquemas psiquiátricos, sociopolíticos, econômico-produtivos, etc., que tanto inibem o desenvolvimento específico da personalidade”, mas de ter um olhar meditativo e empatia para ser capaz de entender que cada ser é único e dotado de valores.

Na Educação Terapêutica e Terapia Social, a deficiência não é vista como uma condição incomum, pelo contrário, é considerada algo seriamente normal e que está sujeito em existir em cada um do ser humano. Conforme cita Setzer (2010):

Trata-se de um desequilíbrio, o qual pode tender para um ou outro lado. Por exemplo: um processo pode adquirir elementos aceleradores ou inibidores, pode manifestar-se exageradamente para dentro do âmbito neutro-sensorial ou para o âmbito metabólico-motor, etc.

Portanto, se a “deficiência ou anormalidade de desenvolvimento é vista como um desequilíbrio” (SETZER, 2010), a postura do educador é buscar a equiparação do que está em desarmonia no aluno. Buscando valorizar as utilidades de cada ser, não como um “coitado” que necessita de um instinto piedoso “não a sentimental vivência de si mesmo no relacionamento, a “pena pelo sofrimento do outro”, que em verdade é projeção de minha própria alma –, mas a convivência acompanhada de empatia”

(CALLEGARO, 2014, *on-line*), se faz necessário para um profissional que acredite que dentro daquele ser físico existe alguém que tem muito a oferecer, onde na maioria das vezes só precisa de um apoio e ser tratado da maneira correta para o seu desenvolvimento pleno.

Os métodos desenvolvidos com crianças com necessidades educativas especiais são baseados em cima do currículo da Pedagogia Waldorf, aplicando “os elementos do ritmo e da forma, da arte e da criatividade, assim como da ação e praticidade no ensino são fundamentais” (SETZER, 2010), sendo necessário adaptar atividades utilizando de estratégias concretas para cada indivíduo, a fim de que a própria criança alcance dentro de suas particularidades uma independência pessoal e significativa conforme cita Callegaro (2014, *on-line*):

O educador fornece à criança a representação da meta, que a ela falta, e a criança pode imergir na própria vontade. Aos poucos, a partir da vontade, desperta a representação mental na criança, daquilo que foi feito: o aprendizado e o crescimento de sua autonomia (CALLEGARO, 2014, *on-line*).

A Pedagogia Curativa quando referida aos cuidados com adultos, usa-se o termo Terapia Social ou de Terapia de Convívio. Karl Konig fundou na Escócia o Movimento Camphill, cujo pressuposto era baseado na Antroposofia e nas ideias de Rudolf Steiner, as quais eram um modelo de comunidade que integrava as pessoas com algum tipo de deficiências a fim de incluí-las e aprimorar as suas competências, conforme cita Setzer (2010):

Em 1939 o Dr. Karl König fundou, por meio das chamadas “Comunidades Camphill”, diversos centros residenciais e aldeias para pessoas com e sem problemas, criando assim uma forma de sociedade, na qual não haveria discriminação e sim uma verdadeira sociabilidade e integração de todos. Isso tornou-se, no "primeiro mundo", particularmente para os adultos especiais, uma alternativa digna às instituições terapêuticas, nas quais eles eram tratados como doentes ou deficientes.

Portanto, oferecer tarefas prazerosas para os adultos é uma maneira de incentivar e estimular sua participação por meio de uma interação. Neste caso, o trabalho é referido como algo positivo, onde a ação do aluno diante das atividades propostas serve de terapia por meio do seu esforço físico, com o objetivo de desenvolver a capacidade intelectual através dos estímulos motores, fazendo com que as realizações desses trabalhos deem no indivíduo um resultado positivo e de

auto competência. As atividades oferecidas aos adultos “geralmente são de artesanatos básicos: marcenaria, tecelagem, olaria, agricultura, costura, jardinagem, culinária, etc.” (SETZER, 2010).

A Pedagogia Waldorf e a Curativa foram estudos aplicados por Rudolf Steiner mediante a Antroposofia, cuja ciência será manifestada a seguir.

4.4 Antroposofia

4.4.1 Conceito

Antroposofia em grego significa “Conhecimento do Ser Humano”, cujo sistema foi aplicado por Rudolf Steiner fundamentando a Pedagogia Waldorf “pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo” (SETZER, 1998).

A base da Antroposofia é o estudo de todos os elementos: vegetal, mineral, animal tendo como apoio central a interferência de todos esses componentes na constituição do último elemento: o Eu (MARASCA, 2009).

A correlação dos componentes físico, etérico e astral são bases que servem e se manifestam no EU através do pensa, agir e sentir afirma Marasca (2009, p. 42):

O pensar e a memória estão ligados ao corpo etérico. O corpo astral é veículo das sensações e sentimentos, instintos e atividades psíquicas (conjunto denominado *alma*). O Eu se liga ao mundo por meio dessas três atividades anímicas: o pensar, o sentir e o agir.

Além dessas concepções, o corpo físico para que tenha firmeza nesse espaço precisa de uma força plasmadora, ou seja, uma força etérica que transmita energia para a matéria viva, pois como cita Lanz (2007, p. 19):

Além de ser corpo mineral ou físico, um conjunto individualizado e delimitado de formas vitais, ou seja, um segundo corpo não físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão ‘vida’ a ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais.

A força vital é responsável pelos sentimentos e desejos no corpo, ela sobrepõe a força física e a etérica, alcança o ápice da compreensão do Estudo do homem como cita Lanz (2005, p. 24): “esse corpo astral é ‘superior’ ao corpo etérico, dominando-o.

Ele provoca no corpo físico e no corpo etérico a especialização de funções, que se traduz pelos órgãos ociosos.”

Vale salientar que cada ser humano apresenta uma personalidade única e individualmente pessoal, pois cada indivíduo é dotado de um comportamento, o que se diferencia de todos os seres vivos presente no mundo. Logo a colaboração da Antroposofia, Marasca (2009, p. 40): “é trazer a imagem do homem como um ser único, singular, diferente de todos os seres de sua própria espécie. Não existe um ser humano igual ao outro, e só ele tem consciência de si mesmo frente ao mundo.”

Nesse sentido vale considerar e respeitar o aluno em sua particularidade, oferecendo a este ser em formação um ambiente agradável, respeitando suas forças e energias, sem ultrapassar cada fase do ser humano. Diante desse estudo é válido considerar os temperamentos: Sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático presentes em cada fase (setênio) da nossa existência, apresentados posteriormente.

4.4.2 A Teoria dos Temperamentos de Rudolf Steiner

Segundo Gimael e Aguiar (2013, p. 87):

Os temperamentos são expressões da alma de características constitucionais que significam tanto oportunidades quanto empecilhos. A mistura dos nossos humores (estados de humor) com as nossas qualidades psíquicas resulta no nosso temperamento.

Vale considerar que uma única pessoa não pode ser regida por um exclusivo temperamento “em geral, coexistem na mesma personalidade traços de dois ou mais temperamentos” (LANZ, 2016, p. 70). A seguir serão discursados os tipos e as ações adequados para cada tipo de temperamento.

4.4.2.1 Sanguíneo

O sanguíneo pode ser avaliado como um indivíduo que não se importa com as influências exteriores. Toda criança na fase da infância apresenta um comportamento sanguíneo pois “é uma característica da criança não se ligar com extrema seriedade àquilo que a circunda” (LANZ, 2016, p. 71).

A criança ou um adulto sanguíneo, não “filtra” seus pensamentos, o tempo desse temperamento é o presente, o futuro e o passado são meras circunstâncias. O sanguíneo não se preocupa com atitudes que passaram, ele vive o momento e se entrega por completo ao corpo astral que rege constantemente (STEINER, 2008).

Fazendo uma análise com crianças e seus respectivos temperamentos torna-se fácil codificar a que apresenta um comportamento sanguíneo, pois essa está sempre em movimento e a alegria é o forte alicerce deste temperamento (LANZ, 2009).

A criança neste temperamento é um ser inteligente, porém dispersar-se com facilidade não tendo a capacidade de se ligar por um grande período de tempo a um determinado fato, pois não consegue fixar a algo específico, tendo com característica ser aéreo as situações que não lhe chamam atenção. Logo, cabe ao educador “conduzi-lo com mãos firmes e amorosa, de maneira que ele desperte seu interesse pelas coisas e pessoas, deixando um pouco a vivência externa, superficial” (MARASCA, 2009, p. 61).

4.4.2.2 Melancólico

O melancólico ao contrário do sanguíneo que considera a tristeza como algo irrelevante, se aprofunda no primeiro obstáculo durante o percurso.

A criança ou até mesmo um adulto melancólico não demonstra força em seu próprio corpo, os comportamentos são expostos através de movimentos morosos e desjeitosos, pois os problemas que lhe afetam, pesam tanto mentalmente, quanto fisicamente. Transpassando uma aparência de que corpo está pesado (LANZ, 2016; MUTARELLI, 2006).

A melancolia faz com que um acontecimento continue sempre presente na memória do ser humano. Esse temperamento carrega sentimentos por um longo período de vida. Uma pessoa melancólica lamenta-se de ocorridos já vivenciados e que talvez nunca mais vivenciará (KÖNIG, 2013).

Segundo o posicionamento de Marasca (2009, p. 62), uma ação que auxilia pessoas com esse temperamento é:

passar a sabedoria do problema que ele carrega, o que ameniza a melancolia diante dos problemas de outras pessoas. Neste caso a empatia torna-se um recurso para buscar o mínimo de alegria mediante a uma situação angustiante.

O melancólico não precisa ser pautado como uma pessoa “alienada”, pois aparentemente ela pode passar a imagem de que as ações exteriores não o afetam emocionalmente, mas interiormente existem uma série de emoções ligadas aos sentimentos, como cita Steiner (2008, p. 221) referenciando que uma pessoa melancólica “é apenas desatenta quando ao mundo exterior, e também quantos as impressões advindas de um professor; porém ela é muito atenta aos seus próprios estados.”

4.4.2.3 Colérico

O colérico não se esquivava de situações e pessoas; afronta constantemente pelo impulso, “estoura numa atitude de violência descontrolada, desproporcional a causa do incidente” (LANZ, 2016, p. 72).

Este temperamento apresenta aspectos conectados com a ação/reação. Os coléricos geralmente entregam-se por completo a situações do meio, são determinados e insistentes em ocorrências desafiadoras. Buscam atingir o limite máximo e a “perseverança até a exaustão em todos os aspectos entusiasmo e amor à verdade, pontualidade, fácil exasperação quando os acontecimentos não seguem o rumo desejado” (GIMAEL & AGUIAR, 2013, p. 88).

Quando acontecimentos inesperados ocorrem, o colérico tem a capacidade de admitir o seu comportamento explosivo e incontrolável, reconhecendo a sua atitude e tomando uma iniciativa em busca de uma solução esclarecedora, como descreve Marasca (2009, p. 60):

Somente quando passa o acesso a cólera é que ela se recupera, sendo a primeira a desculpar-se. É nessa hora que ela ouve as argumentações; falar com ela no momento da cólera é inútil, e só a torna mais furiosa.

O temperamento da cólera traz uma personalidade de liderar, porém por traz dessa aparência forte e irredutível, existe um ser em busca de afeto e atenção como cita Lanz (2016, p. 73): “atrás das aparências duras e violentas geralmente se esconde uma alma dedicada e sedenta de carinho.”

Portanto, o tratamento adequado com pessoas coléricas será manter uma relação agradável, não com diálogo impositivo, nem com medidas violentas, pois

nesse caso a situação se agravaria. Uma outra alternativa para o colérico é propor situações em que a própria pessoa reconheça seu ponto fraco. Posto isso, pode-se considerar o que diz Lanz (2016, p. 73): “colocá-la em situações em que suas forças são insuficientes para levar a cabo uma tarefa; nesse caso, ela será tomada por um sentimento benfazejo de vergonha, ao constatar que não é à tal, vencedora de todos os obstáculos.”

4.4.2.4 Fleumático

Este temperamento apresenta um comportamento tranquilo e passível, é dotado pela calma e equilíbrio “sendo que a vida interior produz a satisfação íntima” (STEINER, 1993, p. 34) e, ainda, como afirma Marasca (2009, p. 61): “é muito difícil despertar seu interesse, pelo próprio prazer interno de bem-estar que ele possui e do qual não gosta de abdicar, envolvendo-se com outras coisas”.

O fleumático é atento aos mínimos detalhes no ambiente que se encontra, apresenta serenidade nas diversas circunstâncias que para os outros seriam de manifestações automáticas. A fleuma é capaz de produzir equilíbrio em suas emoções, como citam Gimael & Aguiar (2013, p. 88): “mantém a calma nas situações mais difíceis, fidelidade, morosidade, amor aos hábitos, bom observador do ambiente que o cerca, meticulosidade na execução das tarefas.”

“A criança fleumática está de tal maneira integrada no mundo que, no subconsciente, está efetivamente entregue ao mundo por inteiro” (STEINER, 2008, p. 221) e isso não o afeta particularmente. Logo, uma ação adequada para este temperamento é atraí-lo da forma mais interessante para que ele interaja no seu meio social. O educador estar atento a esses detalhes minuciosos e encaixar a atenção dos alunos para que retornem às suas atividades, pois, segundo Lanz (2016, p. 2016): “o tratamento do fleumático consiste principalmente em desperta-lhe a consciência e atenção”. Uma alternativa é agrupar as pessoas de acordo com os temperamentos, onde nesse caso juntando um pequeno grupo de pessoas fleumáticas elas “sentirão um tédio tão grande que sua fleuma se irritará; e provoca-se certa irritação na criança fleumática pelo fato de ela ter de estar junto com outras crianças fleumáticas”

(STEINER, 2008, p. 223), motivando assim a sua animação e participação ativa no contexto social.

4.5 Síndrome de Down

4.5.1 Histórico

O marco de casos com SD teve grande influência a partir do século XX com pesquisas acadêmicas, porém, dados comprovam que essa condição já existia bem antes desses estudos. De acordo com algumas pesquisas, foram evidenciados fatos que pessoas com SD já existiam a 1.500 a.C a 300 d.C., na cultura dos Olmecas, cuja tribo já tinha uma percepção do nascimento dessas crianças com a relação da genitora ser mais velha, conforme cita Schwartzman (2003, p. 3):

Dados históricos sugerem que os Olmecas aceitavam que estes indivíduos com SD resultassem do cruzamento das mulheres mais idosas da tribo com o jaguar, este último objeto de culto religioso. Desta forma, a criança com SD era considerada um ser híbrido deus-humano e aparentemente cultuado como tal.

Com o descobrimento da SD cada sociedade decidia o futuro da pessoa com SD de acordo com sua crença e cultura.

Na sociedade europeia a pessoa com deficiência era insignificante, quando nascia uma criança diferente do “estado padrão” era abandonada e deixada para falecer de forma debilitada ou até mesmo de maneira arruinada, entregue aos bichos indomáveis. Na cultura grega, as pessoas com deficiências eram consideradas incapazes, nomeados como idiotas, pois eles acreditavam que a existência dessas pessoas não fazia parte da raça humana (SCHWARTZMAN, 2003).

Na idade Média, o nascimento de criança com deficiência era fruto de uma relação da mulher com o um ser não abençoado. Logo, a solução imposta por Lutero seria abonar de vez não somente com a vida da criança, mas também com a da própria mãe, pois assim não existia mais a possibilidade de nascer criança com alguma deficiência (SCHWARTZMAN, 2003).

No período Renascentista, diversos pintores delineavam por meio das artes imagens de pessoas com traços particulares aos com SD, como por exemplo: Frade

carmelita Fra Filippo Lippi (1406-1469) e Andrea Mategna (1431-1506) (GOMES-MACHADO, 2007; SCHWARTZMAN, 2003).

Alguns trabalhos deram ênfase ao conhecimento da SD com Esquirol e Edouard. Porém, quando Langdon Down (cujo nome ficou marcado a condição), buscou averiguar em um ambiente no qual tinha contato com pessoas com deficiência intelectual, Saad (2003 apud KESLLER; PASCHOALI, 2017) destaca que foi neste trabalho que ele caracterizou o aspecto fenótipo da SD, pois na época, a mesma era caracterizada como “doença da idiota mongólica num grupo com comprometimento intelectual dotado de características próprias.”

Entretanto, com o passar dos anos, somente em 1959 Jérôme Lejeune averiguou e relacionou a causa da SD com uma questão genética, como cita Werneck (1993 apud WUO, 2007, *on-line*):

[...] reformulou a concepção da “deficiência”, mostrando que esta em nada tinha a ver com qualquer degeneração racial. Tratava-se de um acidente genético no qual determinado par cromossômico, o cromossomo 21, contava com um gene a mais, dando-se então uma nova denominação à Síndrome de Down, a trissomia do 21.

O Histórico sobre a Síndrome de Down (SD) se faz interessante neste estudo, uma vez que é a condição apresentada pelo protagonista deste Estudo de Caso e a seguir serão apresentados a definição e as características mais comuns em pessoas com SD.

4.5.2 Característica e Definição

Rubens Wajnsztein e Alessandra Wajnsztein (2017, p. 178) definem a Síndrome de Down (SD) como uma: “síndrome genética humana mais comum, caracterizada pela trissomia do cromossomo 21, e também a causa genética mais frequente de D.I. abrange 1:700 nascidos vivos.”

As alterações cromossômicas podem ser diagnosticadas desde o desenvolvimento situado dentro do útero. O fenótipo da SD se caracteriza principalmente por: rosto ligeiramente esticado, nariz inferior ao tamanho comum; as pregas das pálpebras são epicânticas, a boca habitualmente apresenta um tamanho estreito, a mandíbula e maxilar são menores, a língua é protrusa, o tônus muscular é

mais enfraquecido, o crescimento do dentes podem demorar e nascerem mal fixados, as orelhas crescem menores e se localizam próxima aos olhos; os cabelos são lisos e com pouca espessura, o pescoço tem um tamanho reduzido, as mãos são pequenas, e possui uma única linha, os são dedos menores e no quinto dedo apresenta uma curvatura, os pés são retos, havendo uma separação notável do primeiro e segundo dedo (KOZMA, 2007 apud GOMES-MACHADO, 2007; SCHWARTZMAN, 1999).

Essas características podem ser avaliadas por meios de dois testes conforme cita Pinto Júnior (2018, p. 147): “um teste cromossômico (biópsia de vilos coriais ou amniocentese), que pode diagnosticar com acuracidade e segurança se a criança é cromossomicamente normal.”

Segundo Lima (2016 apud KESLLER & PASCHOALI, 2017), existem três tipos de alterações cromossômicas caracterizadas com a SD:

[...] Trissomia do 21. Em relação aos que são acometidos, em 95% dos casos acontecem por disjunção do cromossomo, 4% por translocação, e 1% por mosaicismos. Quando é por mosaicismos, a alteração genética compromete apenas parte das células, ou seja, algumas células têm 47 e outras 46 cromossomos (2% dos casos de Síndrome de Down); são casos mais leves. Translocação é quando a mãe tem risco de ter outros filhos deficientes. O cromossomo extra do par 21 fica grudado em outro cromossomo. Nesse caso, embora o indivíduo tenha 46 cromossomos, ele é portador da Síndrome de Down (cerca de 3 % dos casos).

Porém, a medicina fetal foi se modernizando e existindo novas maneiras de diagnosticar, sem necessidade desses testes invasivos, através de ultrassonografia (GOMES-MACHADO, 2007).

O diagnóstico da SD se faz em laboratório o que é denominado cientificamente segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2013, p. 21) por:

O Cariograma ou cariótipo é a representação do conjunto de cromossomos presentes no núcleo celular de um indivíduo. No ser humano o conjunto de cromossomos corresponde a 23 pares, ou seja, 46 cromossomos, sendo 22 pares de cromossomos denominados autossomos e um par de cromossomos sexuais, representados por XX nas mulheres e XY nos homens. No cariótipo os cromossomos são ordenados por ordem decrescente de tamanho.

É válido ressaltar sobre a importância de um acompanhamento na saúde de pessoas com SD, pois essas são mais vulneráveis a algumas complicações de riscos,

como: problemas cardíacos, respiratórios, na visão, alterações auditivas, na coluna, hipertireoidismo (GOMES-MACHADO, 2007; SCHWARTZMAN, 1999).

Schwartzman (1999, p. 147) traz que: “Muitas das crianças com SD apresentam distúrbios com relação aos hábitos e práticas alimentares, devido às alterações anatômico-estruturais e hipotonia frequentemente presentes”, porém, vale considerar também a importância saudável do estilo de vida, priorizando rotinas alimentares, assim como exercícios físicos até a fase adulta (BRASIL, 2013; MOREIRA; EL-HANI; GUSMAO, 2000; GOMES-MACHADO, 2007).

Um aspecto a ser destacado na SD é a deficiência intelectual, cuja particularidade pode ser desenvolvida através dos impulsos e auxílios do ambiente familiar/social. É de suma importância promover uma interação baseada no incentivo de atividades estimulantes para que o indivíduo execute suas tarefas, pois quando mais for aplicado práticas estimulantes o ser é capaz de atingir dentro do seu alcance os objetivos oferecidos (RAIÇA; GOMES-MACHADO; PRIOSTE, 2006).

Diante disso um aspecto a ser destacado é a importância e a relação do afeto transmitida para uma pessoa com necessidades educativas especiais dentro do ambiente familiar.

4.5.3 A importância da Família e afeto no processo de inclusão da Pessoa com Deficiência

A família é o laço que envolve o ser em todo o seu desenvolvimento. Essa relação enaltece seus valores e suas particularidades com base nessa interação e convívio diário (SIKORA, 2010).

A notícia de que uma criança com deficiência vai compor uma família sofre impacto na aceitação, reação natural diante de uma informação inesperada, pois o nascimento de uma criança que foge da “normalidade” levará aos pais a passar por um turbilhão de questionamentos, dúvidas, medo, angústia e incerteza com o futuro de seu filho (RAIÇA; GOMES-MACHADO; PRIOSTE, 2006).

Algumas famílias se recuperam após a notícia, outras mantêm um pensamento indiscutível por um longo período, demorando a aceitar como cita Schwartzman (1999, p. 268):

O luto enquanto processos envolve quatro fases: primeiro há entorpecimento com choque e descrença; na segunda fase há anseios e protesto com manifestação de emoções fortes e desejo de recuperar a pessoa perdida; na terceira fase há desesperança pelo reconhecimento da imutabilidade da perda e, finalmente, na quarta fase há recuperação, com a gradativa aceitação da mudança.

Aceitação no sentido da própria família acreditar e tomar medidas responsáveis para o seu desenvolvimento total, mas essa ideia em alguns casos é substituída por uma superproteção ligada ao medo do futuro. Entretanto, é importante realçar que o indivíduo só vai se desenvolver se forem oferecidos também a liberdade de suas ações, o que tende a diminuir o senso de proteção quando a pessoa com deficiência passa a fazer suas próprias coisas com naturalidade. Logo, essas atitudes básicas exprimem a sua competência e seu papel em todo um contexto social e familiar, tendo como base o alcance de sua autonomia (PAIVA et al. apud GOMES-MACHADO, 2007).

“Wallon esclarece que certos meios, como a família, são ao mesmo tempo grupos, porque sua existência baseia-se a reunião de indivíduos que mantêm entre si relações que determinam o papel ou de cada um no conjunto” (WALLON, 1975 apud MAHONEY et al., 2011, p. 79), meio este que proporciona a qualquer ser humano inclusive para os com necessidades educativas especiais uma alternativa de desenvolvimento, pois é através desses estímulos recebidos do meio que transforma o ser humano dentro de sua capacidade.

Dessa forma, o elo entre a família e a escola são de fundamental importância visto que, a sinergia gerada entre as partes, promove as melhores práticas que auxiliam o aluno de maneira completa, conforme citam Raiça, Gomes-Machado e Prioste (2006, p. 69): “Portanto, as relações entre família e escola deverão estar permanentemente em harmonia e colaboração, pois da união é que resultarão muitas ações de relevância para o aprendizado do aluno.”

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Estudo de Caso, a pessoa pesquisada, ou seja, I.P., um jovem com Síndrome de Down foi trabalhado do ponto de vista educacional com as Pedagogias Waldorf e Curativa dentro da ótica Antroposófica.

Dessa forma, avaliando a Associação Beneficente Parsifal, observou-se que não é possível distinguir a Pedagogia Waldorf da Pedagogia Curativa, no caso desta Instituição em questão que atende crianças com necessidades educativas especiais. As duas ideologias estão lincadas às questões das práticas escolares auxiliando na formação e na independência de cada aluno, incentivando-o a atingir essa autonomia dentro de suas competências.

Assim, observou-se que a maneira como aluno I.P. foi estimulado corroborou para o seu desenvolvimento, pois a Pedagogia Waldorf e a Curativa aplicada na Associação Beneficente Parsifal preza a aproximação entre educadores/familiares/alunos garantindo uma conexão que facilite um desenvolvimento interpessoal do aluno, tendo como base de proteção esses apoios.

Diante do Estudo de Caso relatado, percebe-se que incluir vai além das aplicações teóricas utilizadas nos diversos tipos de ensinamentos. Visto que, é fundamental para o aluno a presença constante de uma base sócio afetiva bem estruturada, afim de garantir uma segurança pessoal.

Mediante esta pesquisa, percebe-se que I.P. teve um crescimento significativo durante sua vida acadêmica, conforme mostra um dos relatórios individuais disponibilizado pela mãe da Associação Beneficente Parsifal (ANEXO 15), devido aos estímulos fornecidos pela Pedagogia Waldorf e a Pedagogia Curativa. Conforme sua trajetória em outras escolas, observou-se que não seria possível que I.P. atingisse o resultado atual, se não fosse desenvolvido um trabalho que buscasse aprimorar as suas aptidões, como por exemplo as produções artísticas (ANEXO 16), esta observação vem ao encontro do que defende Marasca (2009).

Fazendo uma avaliação das respostas obtidas pelo questionário/entrevista com a mãe, os profissionais da Parsifal e o próprio aluno I.P. ficou comprovado que todo o seu crescimento pessoal e profissional foi conquistado em virtude da estrutura e de

um olhar diferenciado aplicado na Associação Beneficente Parsifal- que utiliza da Pedagogia Waldorf e a Curativa.

Analisando os dados da entrevista/questionário foi possível concluir uma série de propósitos foram alcançados pelo o aluno, sendo estes:

- Potencialização na questão social;
- Papel ativo na sociedade;
- Conquista da independência;
- Desenvoltura na Linguagem;
- Destreza nos movimentos físicos/motores.

Nesta linha de raciocínio a D.I não deve ser tratada como algo irreversível, pelo contrário, com aplicações de métodos abordados nesta monografia foi possível validar que alunos com D.I podem e tem o direito de serem incluídos na sociedade, e que em alguns casos só precisam de um amparo estimulador e de uma atenção para suas necessidades. Fala essa que vem ao encontro do raciocínio de Lanz (2016).

Segundo a observação da pesquisadora, dentro de um olhar que realça a Pedagogia Curativa, o aluno foi bastante estimulado a partir do Segundo Setênio pela postura e atitudes do professor. I.P., ao ser questionado na entrevista sobre o tratamento dos educadores, mostrou evidência em sua fala que há uma preocupação destes quanto ao seu humor, e temperamento no dia a dia. Essa ação demonstra o interesse e afeto necessários ao aluno, portanto, tal relação é reforçada pelo pensamento de Gimael & Aguiar (2013), quando estes referem-se sobre os significados dos temperamentos com as expressões do aluno.

Dentro do âmbito escolar é possível construir um ambiente saudável, inclusivo e de respeito para com essas pessoas, tendo como referência no trabalho apresentando I.P. que com a prática Waldorf, terapia curativa e a aproximação sócio afetiva impactaram na vida deste aluno, que com todas as limitações que a Síndrome de Down pode impor, houve uma grande superação, fazendo-o alcançar seu espaço na sociedade.

Mediante as respostas da entrevista/questionários ficou evidente a importância da Pedagogia Waldorf e Curativa, no crescimento pessoal de I.P. O currículo aplicado teve um grande reconhecimento por parte da mãe, da professora, coordenadora e do próprio aluno que durante a entrevista/questionário mostrou-se satisfeito com a

elaboração das aulas, mas principalmente com a disposição dos educadores para com o seu aprendizado. Um outro aspecto a ser considerado nesse currículo são os enfoques para as produções artísticas, os quais possibilitaram o aluno I.P. a descobrir e manifestar seus talentos por meio de peças de teatro e da eurtmia que é uma arte que trabalha os movimentos, como afirma Heydebrand (2016).

O amadurecimento do aluno foi possível mediante as influências do meio educacional e das pessoas com as quais mantém convívio no seu cotidiano. Sua autonomia foi alcançada no Terceiro Setênio e com esse – EU preparado – o aluno atingiu os objetivos do Fundamental II, passando a participar das Oficinas Terapêuticas, isso comprova que o aluno está sendo preparado e capacitado para os desafios e para abrir-se às novas atividades de trabalho nesse ciclo de sua vida, cujo pensamento assemelha-se com a ideia de Gímael & Aguiar (2013).

Por fim, percebeu-se que a participação da família dentro do ambiente escolar frequentado por I.P. foi essencial para superar as suas limitações advindas da SD. Com isso, pode-se entender que foi criada uma relação de proximidade mútua e troca de informações entre a família e a escola que permitiu a I.P. uma base segura para que ele atingisse seus objetivos escolares e pessoais, essa afirmação está alinhada as considerações abordadas por Raiça, Gomes-Machado e Prioste (2006).

6 CONCLUSÃO

Perante a análise deste trabalho, um Relato de Caso realizado com o aluno I.P., pode-se concluir que:

- A pedagogia Waldorf e a Curativa -Terapia Social, estimularam o aluno no seu crescimento oferecendo-lhe oportunidades para que I.P. pudesse desenvolver suas aptidões artísticas;
- As participações familiares, bem como sua interação com os profissionais da Associação Beneficente Parsifal construíram uma base de apoio e suportes que levaram o aluno I.P. a se sentir seguro para enfrentar os desafios que o mundo apresenta;
- As participações dos profissionais das instituições de ensino são fundamentais para identificar quais as melhores atividades para cada aluno, fazendo-se assim a identificação de seu temperamento como forma de respeitar a particularidade de cada um, ou seja, o aluno é visto e valorizado na sua singularidade;

O apoio familiar foi visto como um ponto fundamental para o desenvolvimento do aluno, já que mediante as condições impostas em outros ambientes escolares, a família percebeu que não era o atendimento adequado para a evolução de I.P., buscando, assim, uma nova instituição como a Associação Beneficente Parsifal, que acabou propiciando toda esse avanço aqui enfatizado;

- A relação de inclusão é uma condição humana, isto é, a convivência entre professor e aluno tem como síntese o vínculo estabelecido entre ambos, onde um bom educador busca enxergar a essência individual de cada aluno, respeitando-o.

REFERÊNCIAS

BELTLE, Erika (Comp.); VIERL, Kurl. **Nós convivemos com Rudolf Steiner**. São Paulo: João de Barro, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CALLEGARO, Bruno. Em que consiste a atuação da educação terapêutica. **Arte Médica Ampliada**, vol. 34, n. 3, Julho / Agosto/ Setembro de 2014. Disponível em: <<http://abmanacional.com.br/arquivo/c298d6c423456fac5570ca3908c7d0bc951d2a38-34-3-educacao-terapeutica.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL. **O que é a Pedagogia Waldorf**. 1998. Disponível em: <<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br/admin/arquivos/arquivo-1418906054.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GIMAEL, Patrícia Couto; AGUIAR, Selma de. **Infância vivenciada**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GOMES-MACHADO, Maria Luiza. **Inclusão profissional da pessoa com Síndrome de Down**: relevância das habilidades adaptativas. 2007. 89 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/23530>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

HEYDEBRAND, Caroline. **A Natureza Anímica da Criança 2006**. 5ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.

KESLLER, Luana; PASCHOALI, Daiana Raquel. **Considerações acerca da Síndrome de Down**: importância da família e o auxílio desta para o processo de inclusão. 2017. Disponível em: <https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2017/681.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KÖNIG, Karl. Os quatro temperamentos. **Arte Médica Ampliada**, vol. 33, n. 1, Janeiro/Fevereiro/Março de 2013.

Disponível em: <<http://abmanacional.com.br/arquivo/61a408f632ba631567aef84d60a1b9142d0f864d-33-1-temperamentos.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

_____. Sobre o sentido e o valor do trabalho da educação terapêutica. **Arte Médica Ampliada**, vol. 32, N. 4, Outubro/Novembro/Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.karl-koenig-archive.net/arte_medica.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 12ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.

_____. **Noções Básicas de Antroposofia**. 8ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.

MAHONEY, Abigail; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MARASCA, Elaine. **Saúde se aprende, Educação é que cura: da Pedagogia Waldorf à Salutogênese**. São Paulo: Antroposófica, 2009.

MOREIRA, Lília M. A.; EL-HANI, Charbel N.; GUSMAO, Fábio A. F. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, n. 2, pp. 96-99, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000200011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MUTARELLI, Sandra Regina Kuka. **O querer, o sentir e o pensar de Rudolf Steiner na literatura para crianças e jovens: os atos da vontade**. 2014. 301 p. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-09062015-121600/en.php>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **Os Quatro Temperamentos na Antroposofia de Rudolf Steiner**. 2006. 152 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/13344/4/Sandra%20Regina%20Kuka%20Mutarelli.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

O GLOBO. **Aumenta inclusão de alunos com deficiência, mas escolas não têm estrutura para recebe-los.** Portal O Globo, Educação, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/aumenta-inclusao-de-alunos-com-deficiencia-mas-escolas-nao-tem-estrutura-para-recebe-los-22348736>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PINTO JÚNIOR, Walter Pinto. Diagnóstico pré-natal. **Ciênc. saúde coletiva**, São Paulo, v. 7, n. 1, pp. 139-157, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v7n1/a13v07n1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

RAIÇA, Darcy; GOMES-MACHADO, Maria Luiza; PRIOSTE, Cláudia. **10 questões sobre a educação inclusiva da pessoa com deficiência mental.** São Paulo: Avercamp, 2006.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Histórico. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down.** 2ª ed. São Paulo: Mackenzie, pp. 3-15.

_____. **Síndrome de Down.** São Paulo: Mackenzie: Memnon, 1999.

SETZER, Valdemar W. (Rev.). **Educação terapêutica e terapia social com base na antroposofia.** Sociedade Antroposófica, 2010. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/pedag-cur/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **Rudolf Steiner:** Biografia Cronológica. Sociedade Antroposófica, 2009. Disponível em: <www.sab.org.br/steiner/biogr.htm>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **O que é antroposofia.** Sociedade Antroposófica, 1998. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/ANmainFrame.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SIKORA, Denise. Algumas considerações sobre a deficiência e o papel da família e da escola. **Analecta**, Guarapuava, Paraná, v. 11, n. 2, pp. 23-39. jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/2715/0>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL. **Biografia de Rudolf Steiner.** 2018. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/antroposofia/sobre-rudolf-steiner/biografia-de-rudolf-steiner>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

STEINER, Rudolf. **O Desenvolvimento Saudável do Ser Humano**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2008.

_____. **Temperamentos e Alimentação**. São Paulo: Antroposófica, 1993.

WAJNSZTEJN, Rubens; WAJNSZTEJN, Alessandra Caturani. **Dificuldades escolares**: um desafio superável. 3ª ed. São Paulo: Editora Pampaideia, 2017.

WUO, Andréa Soares. A construção social da Síndrome de Down. **Cadernos de Psicopedagogia**, 6(11), 00. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100002>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE PARSIFAL. **As Oficinas Terapêuticas**. Disponível em: <<http://parsifal.org.br/oficinas-terapeuticas/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **Educação – 7 a 16 anos**. Disponível em: <<http://parsifal.org.br/educacao-de-6-a-16-anos//>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **Terapias de Apoio**. Disponível em: <<http://parsifal.org.br/terapias-de-apoio/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. **O Centro de Convivência**. Disponível em: <<http://parsifal.org.br/centro-de-convivencia/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

COMITÊ IBEROAMERICANO MULTIDISCIPLINAR ANTROPOSÓFICO. **Educação Terapêutica**. Disponível em: <<http://cimabrasil.blogspot.com/2011/07/educacao-terapeutica.html> >. Acesso em: 10 nov. 2018.

MARTINHAGO, Ciro. **Síndrome de Down: sintomas, tratamentos e causas**. Portal Minha Vida, 2018. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/sindrome-de-down>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VALENGA, Nelise de Fátima. **150 anos de nascimento de Rudolf Steiner**. Instituto Rudolf Steiner, 2016. Disponível em: <<http://institutorudolfsteiner.org.br/150-anos-de-nascimento-de-rudolf-steiner/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Mãe

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

Para realização do projeto de pesquisa, conto com sua participação voluntária neste estudo. Como objetivo: Promover e facilitar a inclusão da pessoa com deficiência intelectual.


Utilizaremos de questionários e entrevistas. Em qualquer etapa da pesquisa você poderá entrar em contato com o profissional responsável para esclarecimentos de eventuais dúvidas, bem como ter livre acesso aos dados, resultados parciais ou conclusão da pesquisa, ou seja, poderá ficar ciente do andamento deste estudo sempre que desejar. O investigador é a professora Jakeline Susy Justino Leite que poderá ser encontrada no endereço: Av. Senador Teotônio Vilela, nº 4028, bloco 13B (China), apartamento 32, Jordanópolis- São Paulo, telefone: (11) 3542 3840.

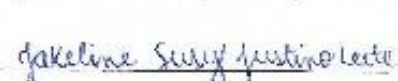
A retirada deste consentimento poderá ocorrer também a qualquer momento. Podendo você deixar de participar desta pesquisa sem qualquer prejuízo. As informações obtidas serão analisadas e a identificação do participante será divulgada pelas letras iniciais do seu filho Ian Porcira- I.P. As imagens pessoais somente serão expostas na apresentação deste trabalho. Fotos de relatórios e de atividades manuais realizados pelo aluno na ABP serão publicados e anexados na parte escrita como também registros individuais de outras escolas frequentadas pelo I.P (não serão publicados nomes das Instituições). Não há compensação financeira relacionada a sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Sua colaboração é essencial para realização deste estudo que poderá ajudar na inclusão educacional de pessoas com deficiência intelectual, podendo muitas vezes tira-lo da ociosidade, inserindo-os na comunidade, na sociedade, melhorando sua qualidade de vida.

Ficam claros para mim quais são os propósitos desta pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de sigilo/confidenciais e de esclarecimentos.

Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades, ou prejuízos ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

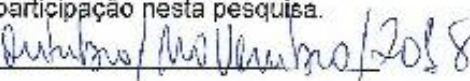

Assinatura do responsável


Assinatura do pesquisando

Somente para o responsável do projeto:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido da mãe ou responsáveis para a participação nesta pesquisa.


Assinatura do responsável pela pesquisa


Data

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Coordenadora

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO

Para realização do projeto de pesquisa, conto com sua participação voluntária neste estudo. Como objetivo: Promover e facilitar a inclusão da pessoa com deficiência intelectual.

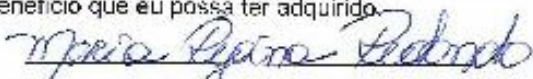
Utilizaremos de questionários e entrevistas. Em qualquer etapa da pesquisa você poderá entrar em contato com o profissional responsável para esclarecimentos de eventuais dúvidas, bem como ter livre acesso aos dados, resultados parciais ou conclusão da pesquisa, ou seja, poderá ficar ciente do andamento deste estudo sempre que desejar. O investigador é a professora Jakeline Susy Justino Leite que poderá ser encontrada no endereço: Av. Senador Teófilo Vilela, nº 4029, bloco 13B (China), apartamento 32, Jordanópolis- São Paulo, telefone: (11) 3542-3840.

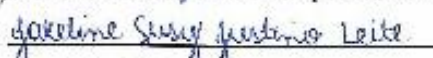
A retirada deste consentimento poderá ocorrer também a qualquer momento. Podendo você deixar de participar desta pesquisa sem qualquer prejuízo. As informações obtidas serão analisadas e somente serão divulgadas mediante a autorização da genitora (Célia Rosali Pereira) tanto com o Consentimento Livre da Coordenadora (Maria Regina Redondo) permitindo também publicar o nome, bem como o uso de fotos internas da Associação Beneficente Parsifal- ABP, sendo forma de registrar a pesquisa realizada no ambiente escolar. Vale ressaltar que será publicada uma imagem da pesquisadora com a coordenadora na apresentação deste trabalho, porém essa ilustração não será registrada na parte escrita. As informações serão reveladas somente pelas iniciais do nome do aluno Ian Pereira- I.P. Os relatórios e fotos das atividades manuais realizadas na Associação Beneficente Parsifal- ABP serão divulgados e anexados na apresentação e na parte escrita deste trabalho. Com o Consentimento Livre e Esclarecido da responsável (Célia Rosali Pereira) serão expostos na apresentação e parte escrita deste trabalho registros individuais de outras Instituições que o aluno estudou, ressaltando que não serão citados nomes das demais escolas.

Sua colaboração é essencial para realização deste estudo que poderá ajudar na inclusão educacional de pessoas com deficiência intelectual, podendo muitas vezes tira-lo da ociosidade, inserindo-os na comunidade, na sociedade, melhorando sua qualidade de vida.

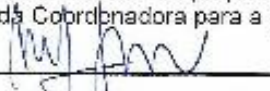
Ficam claros para mim quais são os propósitos desta pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de sigilo/confidenciais e de esclarecimentos.

Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades, ou prejuízos ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.


Assinatura da Coordenadora da Associação Beneficente Parsifal]


Assinatura do pesquisando

Declaro que obtivo de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido da Coordenadora para a participação nesta pesquisa.


Assinatura do responsável pela pesquisa


Data

ANEXO 3 – Entrevista com a mãe do aluno I.P.

- 1. Qual a prática educativa que você acredita que tenha dado mais resultado no aprendizado de Ensino e aprendizagem?**

Resposta: A Pedagogia Waldorf.

- 2. Você observou uma melhora significativa no que se refere ao trabalho social do aluno após algum tempo de atendimento na Associação Beneficente Parsifal?**

Resposta: Sim. Melhora na escrita, na matemática teve um pouco mais de trabalho. No comportamento a evolução foi imediata, o amadurecimento dos conteúdos foi em degraus.

- 3. Você acha que todo aluno se beneficia da Pedagogia Curativa?**

Resposta: Sim. Os profissionais não tratam a causa específica, mas o que o indivíduo precisa no momento para se desenvolver. Estar atento ao comportamento do aluno, dentro do seu eixo, respondendo ao sentimento e não a palavra.

- 4. Quais as diferenças desta escola para as que o seu filho já estudou?**

Resposta: Respeito pelo ser, pela família, desde a forma de se referir pelo próprio nome da mãe da criança não somente "a mãe do aluno".

ANEXO 4 – Entrevista realizada com o aluno I.P.

1. Quais foram os seus maiores desafios?

Resposta: Os conteúdos, principalmente a Matemática.

2. Como era sua vida antes e como está hoje?

Resposta: Entrei triste, porque senti que não produzi nas antigas escolas que estudei e nessa escola amadureci. Carrego comigo três palavras da antiga escola que frequentei: Crítica, brigas e fofocas. As pessoas tinham preconceito com quem tem Síndrome de Down.

3. Como é o tratamento dos professores desta Associação?

Resposta: As pessoas são alegres, apresentam sorriso no rosto ao cumprimentar, deixa o aluno a vontade. O professor vê como você está no dia. Na PARSIFAL realizo meu sonho, tenho aula de teatro e gosto de ajudar.

**ANEXO 5 – Entrevista realizada com a Coordenadora Geral da Associação
Beneficente Parsifal**

- 1. Qual a prática educativa que você acredita que tenha dado mais resultado na aprendizagem da pessoa com DI?**

Resposta: A Pedagogia Waldorf. O currículo Waldorf que vai ao encontro no tempo, de acordo com o aluno.

- 2. Alunos com Deficiência Intelectual beneficiam-se da Pedagogia Curativa?**

Resposta: Muito. Em 27 anos consigo de fato observar o desenvolvimento imenso no pensar, sentir e agir.

- 3. Qual a proposta da Pedagogia Curativa e o que faz um Pedagogo Curativo em cada ciclo do indivíduo?**

Resposta: Promover o desenvolvimento completo e integrá-lo socialmente. Um Pedagogo Curativo busca na sua individualidade atividades pedagógicas e terapêuticas afim de atingir metas individuais.

ANEXO 6 – Entrevista realizada com a Psicopedagoga da escola e professora do aluno I.P. durante seu ciclo escolar na Associação Beneficente Parsifal

1. Alunos com Deficiência Intelectual beneficiam-se da Pedagogia Curativa?

Resposta: Claro. O aluno não é olhado com um ser especial, mas como ser humano, enxergando as possibilidades e não as deficiências.

2. Qual a prática educativa que você acredita que tenha dado mais resultado na aprendizagem da pessoa com DI?

Resposta: Conteúdo da Pedagogia Waldorf. Os contos de fada, a aquarela, as experiências com o tato e com o fazer.

3. Você observou uma melhor significativa no que se refere ao tratamento social do aluno? Em torno de quanto tempo de atendimento o aluno progrediu com a Pedagogia Waldorf?

Resposta: Sim. O aluno se sentiu livre. Demorou um pouco para se adaptar, mas sempre se mostrou solidário, no tempo dele. O ambiente propiciou o que ele tem de melhor.

**ANEXO 7 – Parte de um relatório a respeito do comportamento de I.P., de uma
outra instituição de ensino**

Outro fato que ocorre e que tem chamado nossa atenção é que em determinados momentos ele agride as pessoas (adultos e crianças) fisicamente sem que tenha um motivo explícito para tal procedimento, pois no momento das conversas e explicações, sempre diz que não sabe o por quê de suas atitudes; se desculpa e diz que não vai fazer novamente.

ANEXO 8 – Sala da padaria na Associação Beneficente Parsifal



ANEXO 9 – Sala de marcenaria na Associação Beneficente Parsifal



ANEXO 10 – Sala de tecelagem na Associação Beneficente Parsifal



**ANEXO 11 – Sala de construção de instrumentos musicais na Associação
Beneficente Parsifal**



ANEXO 12 – Sala de modelagem na Associação Beneficente Parsifal



ANEXO 13 – Sala de descanso na Associação Beneficente Parsifal



ANEXO 14 – Sala de feltragem na Associação Beneficente Parsifal



**ANEXO 15 – Relatório individual do aluno I.P. na Associação Beneficente
Parsifal**

RELATÓRIO 2010

O8º ANO PARA REPRESENTOU UM PERÍODO DE AMADURECIMENTO TANTO FÍSICO QUANTO EMOCIONAL. DURANTE O RITMO CONCENTRA-SE E CONSEGUE FAZER OS MOVIMENTOS COM FIRMEZA. NO GRUPO, CONQUISTOU AMIGOS E SOLIDÁRIO E ATENCIOSO COM TODOS. ALIMENTA-SE E CUIDA DE SUA HIGIENE PESSOAL SOZINHO.

SUA LINGUAGEM ORAL NECESSITA DE ACERTOS EMBORA TENHA CONSEGUIDO CONSIDERÁVEL PROGRESSO NESTA ÁREA. TROCA LETRAS E TEM CERTA DIFICULDADE EM REPETIR ALGUNS FONEMAS. A COORDENAÇÃO MOTORA ESTA HARMÔNICA, EXECUTA TRABALHOS QUE EXIGEM O USO DA MOTRICIDADE FINA COM MUITA CONCENTRAÇÃO E HABILIDADE.

COMUNICA-SE BEM TANTO ORAL QUANTO GESTUAL MENTE.

AS ATIVIDADES EM SALA DE AULA SÃO EXECUTADAS SEM AJUDA.

BRINCA COM O GRUPO. EVITA ESTAR SOZINHO A NÃO SER QUANDO ESTA NO BALANÇO. OUVI HISTÓRIAS COM ATENÇÃO E SE EXPRESSA BEM ATRAVÉS DE DESENHOS E AQUARELA.

IAN CONTINUARÁ SUA CAMINHADA COM SUCESSO.

ANEXO 16 – Trabalhos manuais realizados na Associação Beneficente Parsifal

Baú – trabalho realizado na marcenaria da ABP.

Duração: 2 anos.



Oficina Terapêutica em aquarela acrílica e giz de cera.



Oficina Terapêutica de tecelagem.



Tricô com lã – Dia das Mães.



Atividade com lã – Natal.



Atividade em lã cardada – sobre Descobrimento do Brasil